

## A VONTADE DE FALA(R):

### FRAGMENTOS DA COLABORAÇÃO DO LAMPIÃO DA ESQUINA NO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO.

Autor: Paulo R. Souto Maior Júnior (Mestrando PPGH/UFPE)

Co-autor: Regina Coelli G. Nascimento (Tutora PET-História/UFCG)

“Finalmente a Universidade de São Paulo entrou no século XX”, esta frase ecoava no Diretório Acadêmico de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo no começo de 1979. Muitas pessoas no auditório. Mulheres. Negros. Homossexuais. Índios representados por antropólogos. Olhares. Perspectivas. Mudanças. Utopias. Auditório repleto. Sussurros. Aplausos. Vaiais e sobretudo um desejo de felicidade.

Naquele dia a USP sediava um encontro aparentemente conhecido por Semana das Minorias. Lá, acima de todas as divergências entre os grupos havia um objetivo comum: felicidade. Eram mais de trezentas pessoas espalhadas no auditório e a grande maioria participou do debate, assistiram a palestras, ouviram perguntas, discordaram de pontos de vista e contestaram categorias que se estendiam desde *minorias* até *luta maior*<sup>1</sup>.

O objetivo desse texto é investigar algumas reportagens acerca do movimento gay<sup>2</sup> no Brasil através das páginas do jornal *Lampião da Esquina*, trata-se de um periódico publicado e dirigido para homossexuais que embora produzido no eixo Rio de Janeiro – São Paulo circulou nacionalmente entre 1978-1981. Lançamos mão de algumas matérias, mas, especificamente, de duas edições do mesário que versam sobre a semana de debates ocorridas na USP – mencionada acima – e um Encontro Nacional de Homossexuais ocorrido no Rio de Janeiro em 1980.

---

<sup>1</sup> Refere-se ao modo como denominavam o movimento de contestação social e busca de direitos igualitários.

<sup>2</sup> O hoje conhecido movimento gay nem sempre recebeu essa denominação. Na emergência, por exemplo, se falava em movimento homossexual. Inclusive, a palavra “gay” tinha tradução para o português, “guei”, e foi alvo de disputas, discussões e desentendimentos naqueles que se empenharam em criar uma “consciência homossexual”.

O momento político do fim dos anos 1970 é sugestivo para debates, contestação e iniciativas de mudança numa ordem social hierarquizante para determinados grupos. O país vivia certo enfraquecimento do regime militar que se fazia sentir especialmente na diminuição da censura, no fluir menos vigiado entre as ruas das cidades, volta de exilados políticos. Aos poucos a imprensa retomava a liberdade bloqueada pelo Ato Institucional (AI) nº5 que havia conferido vários poderes ao presidente da república. O documento redigido pelo então ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva impôs, dentre outras questões, a censura prévia para diversos meios de comunicação: livros, peças de teatro, músicas, revistas, jornais.

Com a menor repressão do regime a partir do governo de Geisel as bancas, avenidas, bairros da cidade viram circular novos jornais, muitas vezes possuíam vida curta, em outras, apenas uma edição, alguns vendidos e outros distribuídos gratuitamente – havia casos de imprensas e bancas que os vendessem serem atacadas por atentados terroristas (MACRAE, 1990). Desse modo, negros, mulheres e homossexuais ganhavam a rua discursivamente por meio da imprensa nanica, ou seja, produções modestas, podendo ser caseiras cujo objetivo era falar especialmente daquilo que a grande imprensa igualmente passava a noticiar, a condição de marginalizados, de vítimas de preconceitos e o direito a cidadania no sentido de igualdade social.

O Lampião da Esquina ao longo de sua vida noticiou diversos temas: cotidiano, filosofia, cartas. Era possível encontrar desde uma conversa mais teórica (noticiou a publicação de *A vontade de saber*, o volume 1 da *História da Sexualidade* de Michel Foucault) até uma festa na boate DiscoClub de Niterói com fraca participação dos habitantes locais. Este jornal investiu consideravelmente no verbo assumir que apareceu com bastante frequência nas suas páginas<sup>3</sup> e divulgou diversas notícias referente a um certo modo de “ser” gay produzido pelas suas entrelinhas. Sempre que podia o periódico trazia notícias daquilo que mais tarde viria se tornar o Movimento Homossexual/Gay no Brasil. Debates, intrigas, disputas, reuniões constavam em alguma pauta do mês. Assim, noticiaram a semana de debates da USP e o Encontro Nacional do Povo Gay no Rio de Janeiro.

---

<sup>3</sup> Um breve estudo acerca dessa questão no Lampião da Esquina foi investigado pelo historiador Paulo Souto Maior Júnior no trabalho *Vidas em clímax e confissões do sensível: cacós da subjetividade homossexual no Brasil (1978-1981)*.

Mas será que o jornal estava apenas informando? O que diferencia o *Lampião* dos demais jornais que circularam no país anteriormente? Por que notícias de debates homossexual? Por que notícias da mobilização gay em diferentes estados do país? Como estas notícias emergiam? O que era dito, onde, como, por quê?

Edward MacRae conta uma história de começos. Narra o “mito de origem” do *Lampião da Esquina*. Tudo havia começado em 1977 com a visita ao Brasil do editor de um importante jornal impresso norte-americano destinado a homossexuais, o *Gay Sunshine*. Wiston Leylard chegou por essas terras cioso de encontrar escritores para uma coletânea de literatura gay latino-americana. Alguns jornalistas do *Pasquim*<sup>4</sup>, dentre os quais João Antônio Mascarenhas, entrevistaram Leylard e, entusiasmados com a possibilidade de um periódico gay que reunisse vários segmentos da sexualidade relacionando-a à aspectos culturais e sociais, organizaram reuniões e daí em abril de 1978 saía o número zero do *Lampião* (MACRAE, 1990). Sim, só *Lampião*. Apenas na segunda edição ganhou o complemento “da esquina”.

O jornal assumia uma bandeira política no título e matéria do primeiro editorial: *Saindo do Gueto*. Formulam uma pergunta emblemática na história do jornal e oferecem possibilidades de resposta. Mas um jornal homossexual, para quê?<sup>5</sup> Respondem a esta pergunta falando que é preciso desconstruir a imagem do homossexual tristonho e “que vive nas sombras”. Assim não falou só de medos e silêncios. Comprometeu-se em mostrar o lado positivo da sexualidade que representa, segundo a fonte, milhões de pessoas. O *Lampião da Esquina* deseja felicidade, movimento, carisma. As páginas coloridas e a linguagem metafórica aludem a esse caráter.

A existência do jornal nas bancas de todo o país ocorreu por haver um público consumidor. Segundo MacRae isso se deve aos homossexuais assumirem uma identidade homossexual, redução do sentimento de culpa devido à sexualidade. Este sentimento de culpa, cumpre notar, não desapareceu e talvez tenha se mostrado mais abrangente do que se imagina se levarmos em consideração as cartas enviadas ao Grupo SOMOS<sup>6</sup>. Por outro lado, Albuquerque Júnior e Ceballos destacam os espaços de

<sup>4</sup> Em breves linhas o *Pasquim* foi um semanário que circulou no Brasil durante algumas décadas, de julho de 1969 a novembro de 1991. Quando surgiu o objetivo principal constituiu em se opor ao regime militar, em especial por ter surgido logo após o AI-5.

<sup>5</sup> *Lampião da Esquina*, número um, edição número zero, abril de 1978.

<sup>6</sup> O grupo SOMOS, surgido em 1978, constituiu o primeiro grupo destinado a homossexuais.

sociabilidade como constitutivos para um público leitor daquelas páginas que traziam notícias relacionadas à homossexualidade inclusive fora do território nacional. De modo geral começou a ter espaço para a discussão de ideias referentes à homossexualidade e os debates na USP confirmam este fato.

O que surpreende na Semana de Minorias foi o convite realizado para que homossexuais participassem do debate e o periódico destaca “o que talvez torne essa data de 8 de fevereiro histórica”. O histórica da data tem sua razão particular. No contexto da época o tema da homossexualidade não só era negado como pouco conhecido. Outras militâncias presentes naquele auditório não sabiam de uma “militância guei”. O debate corria com reivindicações colocadas tanto pelo Lampião quando pelo grupo Somos, mesclados por uma discussão insistente sobre o movimento ser de direita ou de esquerda, e o clima de luta parecia entusiasmar, “na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da felicidade e por isso é claro que nós vamos lutar pela liberdade democrática”<sup>7</sup>.

Os argumentos dos homossexuais foram aceitos pelo público e convida a pensar dada conscientização dos objetivos e reivindicações dessa “minorias”. Permiteu também trazer o Somos ao conhecimento daqueles que desejassem se engajar. Inclusive, um dos participantes da mesa era membro do grupo, Emanuel, que aproveitou a oportunidade para divulgar o grupo, o que eles tem feito e noticia o número crescente de pessoas ciosas em participar das atividades da organização embora ressalta a ausência de mulheres e negros atribuindo isso ao preconceito já existente de ser mulher e negro.

Sobretudo aquela semana mostrou, pelo menos em termos de objetivo, que as minorias deviam dar as mãos e seguir juntas. Vejamos o que diz João Silvério Trevisan:

A luta dos grupos discriminados é, sem dúvida, uma luta da maioria, pois as especificidades concernem à maioria. A sociedade como um todo tem que ser responsável por cada uma de suas partes; entre outras coisas, pelo machismo, racismo e sexismo que oprimem os grupos discriminados; em outras palavras, os problemas particulares só existem, enquanto problemas, em relação ao contexto social que os provocou. Por isso também a acusação de separatismo é falsa. Foi o que as bichas e lésbicas gritaram em 8 de fevereiro: separatista é quem não aceita a participação das individualidades, para além das fórmulas preestabelecidas

---

<sup>7</sup> Lampião da Esquina, março de 1979, p. 9

(Lampião da Esquina, Março de 1979, p 10)

O trecho acima alude ao fato dos homossexuais desejarem constituir-se num grupo social. Para isso mulheres e homens homossexuais falavam em comum das lacunas e conquistas - de um movimento iniciado há pouco – visando, dentre outros objetivos, o prazer do corpo. Foi muito comum no ativismo dessa época a influência de ideias marxistas renovadas e o questionamento de uma posição de direita ou esquerda. Nesse debate da USP os homossexuais não se colocaram em nenhuma das duas categorias. Em vez disso, falaram o quanto puderam dos seus problemas com fins em transformações.

No auditório repleto, as vozes feministas conservadoras contestavam o preconceito e exploração com a mulher, com destaque para a mulher proletária. Outros temas como a sexualidade, reprodução, mulher dona de casa também estavam em pauta. Aliás, de modo geral, o *Lampião* em toda a sua história não cessou de falar do feminismo e do movimento de mulheres. Incontestavelmente a razão de divulgar estas conquistas era inspirar os homossexuais com intuito de se engajarem. Ora, é sabido que o movimento de negros e mulheres precedeu o movimento homossexual no Brasil, aqueles já existiam enquanto espaço de debate desde o começo dos anos 1970, este no fim da mesma década.

Esses grupos nas atividades de contestação foram chamados pela grande imprensa pelo termo minorias. Esta “minorias” passa a contestar o termo partindo de várias diretrizes dentre as quais o quantitativo de mulheres que nos dados do momento compunham mais de cinquenta por cento da população mundial. Paralelamente, a expressão podia surgir em luta menor e por isso menos importante. Soma-se ao questionamento a categorização dos negros, por exemplo, como classificar os mulatos e cafusos? Do mesmo modo ocorreu com os homossexuais e sua quantidade dado que a maioria vivia na “invisibilidade”. Trazer este termo na matéria é indicar que toda classificação e definições para qualificar estes grupos estão sendo contestados.

O encontro da USP serviu para colocar as “minorias” lado a lado e daí pensarem, além das diferenças, a possibilidade de um grande acordo porque eles tem, segundo Trevisan, um ponto em comum, a transformação da sua condição. Acima de todas as divergências o objetivo principal é comum a todos, lutar pela liberdade “social, racial,

sexual” permitindo a concretização da utopia, termo usado pelo movimento homossexual, de uma democracia no Brasil que traga a felicidade a todos.

Simões e Facchini (2008) escreveram um livro de cunho eminentemente informativo e pouco profundo em análises sobre o movimento homossexual no Brasil e desde o título – Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT – se reportam a uma mudança de perspectiva e de nomenclatura pois repertoriam que o hoje movimento gay começou com o termo movimento homossexual. Isto ocorre porque a palavra gay ainda não era bem recepcionada no país. Os argumentos podiam ser rejeição a uma palavra norte-americana – que se aportuguesou com *guei* – ou a realidade brasileira ser diferente da vivida em outros países. Além disso, o recente movimento homossexual precisava criar mecanismos para se firmar e, para isso, traçaram metas, o que se dava em reuniões que cresciam significativamente. Militância em reuniões e simultaneamente nas páginas do Lampião com notícias do movimento homossexual na Argentina, nos Estados Unidos e no Rio de Janeiro com o Encontro Nacional do Povo Gay.

Era mais uma manhã de domingo no Rio de Janeiro. Quem disse que o azul do céu prometia tempo limpo pelo resto do dia se enganou. Mais tarde, naquele 16 de dezembro, trovoadas, chuva e ventania compunham o cenário da cidade. Debaixo de um céu que se acinzentava com o passar das horas o debate iniciado pela manhã na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) seguia com entusiasmo. Na USP, como vimos, o encontro havia reunido minorias, no Rio de Janeiro o foco eram os militantes homossexuais. Vindos de Sorocaba, Guarulhos, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Caxias e Rio de Janeiro totalizaram 60 homossexuais na plateia.

No primeiro momento ocorreu apresentação dos grupos, talvez para deixar claro que passava a surgir outras associações e estas buscavam engajar-se. O fato de estarem reunidos em um evento como esse comprova a necessidade de mudanças. Leila Micolis nos apresenta cronologicamente o AUÊ/RJ visando a união entre grupos de uma mesma cidade, em seguida o Beijo Livre/Brasília com fins políticos na capital federal, depois veio o EROS/SP, posteriormente o Liberto/Guarulhos, logo após o Somos/RJ que deu a vez para o Somos/SP, Grupo Lésbico Feminista (Somos/SP), Grupo de Atuação e Afirmação Gay GAAC/Caxias e por fim o Somos/Sorocaba.

Aqui é preciso destacar um ponto notável. O evento surgiu em uma das reuniões entre *lapiônicos* em associação com militantes do grupo Somos do Rio de Janeiro. O jornal havia criado um fundo financeiro a ponto de sediar e custear o evento, as vendas pareciam despontar. Em decorrência do encontro sugeriram ter chegada a hora de um encontro com viés mais militante. O Somos já não era o único grupo de militância homossexual no país. De Belo Horizonte a João Pessoa grupos surgiam Brasil afora.

No primeiro ano de existência do grupo Somos a caixa postal recebeu um número expressivo de cartas de organizações de todo o país. Alguns com objetivos mais direcionados a exemplo do Grupo Gay da Bahia (GGB), outros ainda em passos iniciais e modestos. Estes escritos poderiam sugerir eventos de militância, solicitar informação sobre atuação pública ou simplesmente vínculo de amizade surgido entre geografias muito distantes, eventualmente sem nenhum encontro pessoal mas um ponto em comum: a busca por melhores condições para os homossexuais.

A respeito da data do evento, Francisco Bittencourt explica a realização da reunião na década de 1970, ainda que fosse no último mês do ano. Porque esta década “é uma homenagem aos anos que marcaram o início da luta das minorias oprimidas e, especificamente da política do corpo. Conseguimos nosso objetivo?”<sup>8</sup>.

O objetivo referido seria a construção de uma “consciência homossexual”, segundo termo usado no período. Tal consciência é a necessidade do indivíduo se movimentar e bagunçar a ordem estabelecida com fins de transformações. Aliás, contestação é uma das palavras de ordem do Lampião. Em dois anos trouxe textos refletindo o assassinato de homossexuais na Alemanha nazista a partir da documentação da CIDAMS (Centro Italiano por la Documentazione dele Attivita dele Minoranze Sociali), coletivo italiano; escritos trazidos de outras línguas a citar, Heterossexualidade: perversão ou doença?, de James Lindesay, psiquiatra inglês, onde ironizava saberes médicos e psicológicos referentes a homossexualidade. As propostas de modo geral circulavam em torno da palavra “contestação”. Simultaneamente, exilados políticos, presos ou por vontade própria, voltaram ao país desde a segunda metade dos anos 1970

---

<sup>8</sup> Lampião da Esquina, Janeiro de 1980, p.7, n°20.

e tornavam pública a realidade do momento fosse em letras de música ou mesmo em biografias de exilados da época como a de Gabeira, *O que é isso, companheiro?*

Em meio a este clima, durante a reunião Marcelo, do AUÊ/RJ, grupo então com dois dias de vida, solicita uma modificação em um dos artigos da constituição. Em que pesa a proibição da discriminação por sexo, deveria passar a ser por opção sexual, expressão que começava a se difundir no momento. Nessa mesma fala Marcelo solicita a abertura de uma instância que retirasse a homossexualidade do quadro de doenças. Inclusive, Leila Mícolis, autora da matéria, usa o termo homossexualismo, palavra criada nos oitocentos pelo saber médico e com sufixo ismo se referindo a doença, mas não utiliza no sentido de doença. Ocorre que só em meados da década de 1980 o termo homossexualismo seria evitado em decorrência de conquista do Grupo Gay da Bahia por lutar pela retirada da homossexualidade do quadro de desvios sexuais como pregou o Conselho Federal de Medicina até 1985.

O evento da ABI ao mostrar a união de militantes de diversas localidades sugere não só a união como também o amadurecimento em sentir necessidade de organizar eventos e reuniões, pensar iniciativas que retirem o homossexual do quadro de excluído, doente, abominação. Enfim, embora atrasado sem dúvida o movimento homossexual começa a ferver porque

O que se viu nesse encontro da ABI, e acredito que seja esse um dos resultados mas positivos e importantes, foi justamente a confirmação de uma nova consciência e de uma nova atitude diante da sociedade opressora. Os homossexuais não estão mais dispostos e se deixaram manipular por nenhum sistema e acreditar que podem conquistar um lugar dentro do mundo contemporâneo sem ter de fazer qualquer concessão a sociedade machista. Com isso está seguindo o caminho de outras minorias oprimidos. Saímos assim da idade da inocência para entrar na idade adulta, e acredito que os debates da ABI tenham sido a marca dessa maioridade (Lampião da Esquina, edição número 20, p.7)

Foi por ocasião dos ganhos e denúncias do movimento negro e de mulheres – mas não somente – que os homossexuais decidiram se inserir no rol da tríade igualdade,

preconceito, contestação. Não por acaso as páginas do mesário em questão trazia com frequência notícias do movimento de mulheres, conforme dito acima, e entrevistas com Cassandra Rios, escritora conhecida por produzir mais de cinquenta livros dentre os quais a temática lésbica era quase que obrigatória, e Leci Brandão que se referiu abertamente a sua homossexualidade.

Isso parece alusivo ao analisarmos como uma das pautas da reunião um conjunto de metas políticas com vários objetivos. Tal empreitada demonstra uma inversão na equação da história da homossexualidade. Se por muito tempo foram falados por grupos e instâncias que o discriminavam agora se tornavam sujeitos e escritores de sua própria narrativa e também por isso se preocupavam em conquistar recursos com propósito de realizar outras reuniões.

Este movimento homossexual no Brasil foi pincelado por James Green em *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil (1889-1985)*. O historiador afirma que o movimento homossexual havia surgido depois de homossexuais começarem a marcar presença em praias, boates, clubes e atrelado a isso o enfraquecimento do regime, com o abrandamento da censura, permitiu a circulação de jornais, divulgação de ideias e condições para o surgimento do movimento homossexual. Seu estudo, no entanto, foi alvo de crítica pela socióloga Regina Facchini que em sua dissertação discorda do que chamou de perspectiva evolutiva nos estudos de Green, depois de vários acontecimentos sucessivos se criou uma atmosfera que permitiu aos homossexuais construir o movimento homossexual no Brasil.

O movimento homossexual do qual falou Green, Facchini, Simões, MacRae, Simões Júnior, Fry, Colling, Miskolci não teria sido o mesmo nem tido a abrangência que teve se não fosse o periódico que utilizamos como fonte neste texto. Ele não só falou sobre, mas criou o que posteriormente noticiou. Talvez o movimento homossexual tenha nascido enquanto espaço atuante a partir do *Lampião* que desde sua primeira edição aludia ao fato de direitos, igualdade, conquistas. Por sinal, este movimento é muito próximo do que Foucault formulou quando disse que o movimento homossexual está preso a reivindicação dos direitos da sexualidade e justifica isso ser bastante normal pois a homossexualidade foi, o dispositivo de sexualidade deixa claro, uma prática barrada e combatida (FOUCAULT, 2012).

O que vemos nas duas matérias tomadas para estudo nesse artigo são publicações do mesmo ano. Uma no começo e outra no final. Há ganhos significativos da primeira para a segunda e ronda um desejo de mais reuniões e mais encontros. Até então era impensável ver um encontro de homossexuais naquele momento mas as condições tornaram possíveis. Condições do enfraquecimento do regime somado a reflexão sobre outros movimentos de minorias se destacando e um jornal sério e engajado encabeçado por nomes importantes da intelectualidade brasileira com funções específicas e objetos estratégicos. Por quê noticiar o movimento homossexual? Esta pergunta deixamos para um outro momento.

Noticiar, incentivar e participar do movimento homossexual foi uma alternativa estruturante para o Lampião da Esquina a medida que desejou criar uma consciência homossexual entre os brasileiros semelhante aos negros e as mulheres. O que esta breve caminhada mostra são os primeiros passos do movimento homossexual no Brasil que foram bem trabalhados já no fim dos anos 1980 por Edward MacRae através do estudo sobre o Grupo Somos. Defendemos aqui, nesse texto breve e fugaz, que não somente o Somos colaborou decisivamente na formação desse movimento. Lampião incrementou o debate, propôs ideias, patrocinou encontros. Logicamente que havia uma intenção por trás disso tudo, parte dela ficou clara no texto, a outra deixamos livre para um texto por vir, deixamos por assim dizer semelhante ao passado, uma tela em branco onde possamos, como fez o Lampião com o movimento homossexual, colorir, colorir e colorir.

## Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (org). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_ & CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In.: Schpun, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_ & SIMÕES, Júlio. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

\_\_\_\_\_ **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

\_\_\_\_\_ **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_ **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos & Escritos, v. 5.

\_\_\_\_\_ **História da Sexualidade I- A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.

GREEN, James. **Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX**. São Paulo, Editora da Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_ & TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros Escritos**. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

GUIMARÃES, Carmem. **O Homossexual Visto por Entendidos**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Dissertação de Mestrado, 1977.

HALPERIN, David. **San Foucault: Para una hagiografía gay**. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2007.

HEILBORN, Maria Luiza. **Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil**. Revista Cronos, Pedro Leopoldo, 2001, pp. 21-30.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro (org). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. (Gênero Plural).

O'BRIEN, Patrícia. **A história da cultura de Michel Foucault**. In: JUNT, Lynn. A nova histórica cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade**. Niterói: EdUFF, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS Corpo 1991.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A Epistemologia do armário**. In: MISKOLCI, Richard e SIMÕES, Júlio (org). Cadernos Pagu "Quereres", V.28, p. 19-36, 2007.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **E havia um Lampião**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Rio de Janeiro: UNERIO. 2006.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Ed. revista e ampliada. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.